

Entre Barthes e Merleau-Ponty: sobre a possibilidade e os desdobramentos de uma Psicopatologia fenomenológica do amor

Gabriel Engel Becher

Resumo

Este artigo propõe uma aproximação fenomenológica da experiência amorosa a partir do diálogo entre *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977), de Roland Barthes, e *Fenomenologia da percepção* (1945), de Maurice Merleau-Ponty – para além das teorias sobre o amor. Frente à escassez de registros fenomenológicos que compreendam o amor vivido enquanto origem e evidência da estrutura, expressa no gesto linguístico, busca-se reconstituir o discurso amoroso como fenômeno fundamental da experiência. Mesmo sem vínculos explícitos com a clínica, os autores oferecem, cada qual à sua maneira, subsídios para uma Psicopatologia fenomenológica do enamoramento – subsídios estes que alicerçam o conceito autoral de patologias do amor. Barthes dramatiza o amante como sujeito fragmentado, tensionado pela linguagem, enquanto Merleau-Ponty categoriza a experiência afetivo-sexual como modo original da percepção e do sentido encarnado. A partir disso, propõe-se uma reorganização das figuras barthesianas segundo as condições de possibilidade da experiência amorosa: intersubjetividade, corporeidade, espacialidade, temporalidade e afetividade. Por fim, delineia-se uma terapêutica fenomenológica do amor, ancorada na intercorporeidade e dirigida aos fenômenos máximos do amadurecimento vivido, como saída para as patologias do amor. Este trajeto é condensado em um mapa conceitual – guia de leitura do artigo e síntese das condições e dos desdobramentos fenomenológicos do amor.

Palavras-chave: Psicopatologia fenomenológica; Amor; Patologias do amor; Roland Barthes; Maurice Merleau-Ponty; Corpo; Linguagem.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2026; vol15 (2):248-265

Published Online

08 de agosto de 2026

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i2.1251>

Gabriel Engel Becher

Psiquiatra e psicoterapeuta pelo IPq, Bacharel em filosofia pela FFLCH e Membro-fundador da SBPFE.

Contato:

becher.gabriel@gmail.com

A Between Barthes and Merleau-Ponty: On the Possibility and Developments of a Phenomenological Psychopathology of Love

Gabriel Engel Becher

Abstract

This article proposes a phenomenological approach to the amorous experience through a dialogue between Roland Barthes's *A Lover's Discourse: Fragments* (1977) and Maurice Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception* (1945)—moving beyond theories of love. Given the scarcity of phenomenological accounts that conceive of lived love as both origin and evidence of structure, expressed in the linguistic gesture, this study seeks to reconstitute the amorous discourse as a fundamental phenomenon of experience. Even without explicit ties to clinical practice, the authors, each in their own way, provide contributions toward a phenomenological psychopathology of enamoration—contributions that underpin the authorial concept of pathologies of love. Barthes, on the one hand, dramatizes the lover as a fragmented subject, caught in the tension of language, while Merleau-Ponty, on the other, categorizes the affective-sexual experience as an original mode of perception and embodied meaning. Building on this, a reorganization of Barthes's figures is proposed according to the conditions of possibility of the amorous experience: intersubjectivity, corporeality, spatiality, temporality, and affectivity. Finally, a phenomenological therapeutics of love is outlined, grounded in intercorporeality and oriented toward the maximal phenomena of lived maturation, as a means of addressing the pathologies of love. This trajectory is condensed into a conceptual map—a reading guide for the article and a synthesis of the phenomenological conditions and developments of love.

Keywords: Phenomenological psychopathology; Love; Pathologies of love; Roland Barthes; Maurice Merleau-Ponty; Body; Language.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2026; vol15 (2):248-265

Published Online

08 de agosto de 2026

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i2.1251>

Gabriel Engel Becher

Psiquiatra e psicoterapeuta pelo
IPq, Bacharel em filosofia pela
FFLCH e Membro-fundador da
SBPFE.

Contato:

becher.gabriel@gmail.com

Este artigo corresponde à versão ampliada do texto apresentado em conferência homônima, no III Simpósio Internacional de Psicopatologia Fenomenológica. O evento foi sediado na Universidade de Fortaleza, entre 21 e 23 de agosto de 2025.

*

Diante da lacuna de registros que acolham a existência afetiva e sexual em chave fenomenológica – isto é, a partir da interioridade da experiência amorosa –, a construção de abordagens inéditas neste campo passa a ser oportuna. Nesse cenário, destaca-se o potencial da absorção de autores multifacetados no rol das humanidades, tais como Roland Barthes, por uma tradição de autores já consagrados às bancadas da Fenomenologia, representada por pensadores como Maurice Merleau-Ponty. A aproximação dialógica entre seus escritos no terreno do amor (*Fragmentos de um discurso amoroso* (1977) e “O corpo como ser sexuado” – capítulo 5 da *Fenomenologia da Percepção* (1945), respectivamente) inaugura avenidas conceituais renovadoras e fecundas. Afinal, a afinidade geográfica e epocal entre ambos se revela também epistemológica, nos entrelaçamentos entre o corpo, a linguagem e o amor.

A formulação de um saber sobre o amor, na medida em que deve partir da experiência para evidenciar sua estrutura, se nutre das reflexões de uma clínica fenomenológica voltada às formas vivenciais do amor – ou seja, de uma clínica orientada para os modos de adoecimento amoroso. Ainda que Barthes e Merleau-Ponty não se pronunciem a partir da prática clínica, ou sequer postulem uma ciência propriamente psicopatológica, seus sistemas epistêmicos, cada qual a seu modo, logram êxito em fundamentá-la. Dedicam, portanto, bases seguras para uma Psicopatologia fenomenológica.

A experiência amorosa se desvela no discurso, no contínuo de amadurecimento do sujeito amoroso. No âmbito afetivo-sexual, experiência e linguagem convergem em fluxo multidirecional e interdependente. Dessa relação nasce um *mapa da experiência amorosa* – ao mesmo tempo guia de leitura deste artigo e conclusão lógica do percurso amoroso. Mais do que representar simbolicamente tal contiguidade, trata-se de formular uma síntese expressiva das condições de possibilidade e dos desdobramentos fenomenológicos do amor.

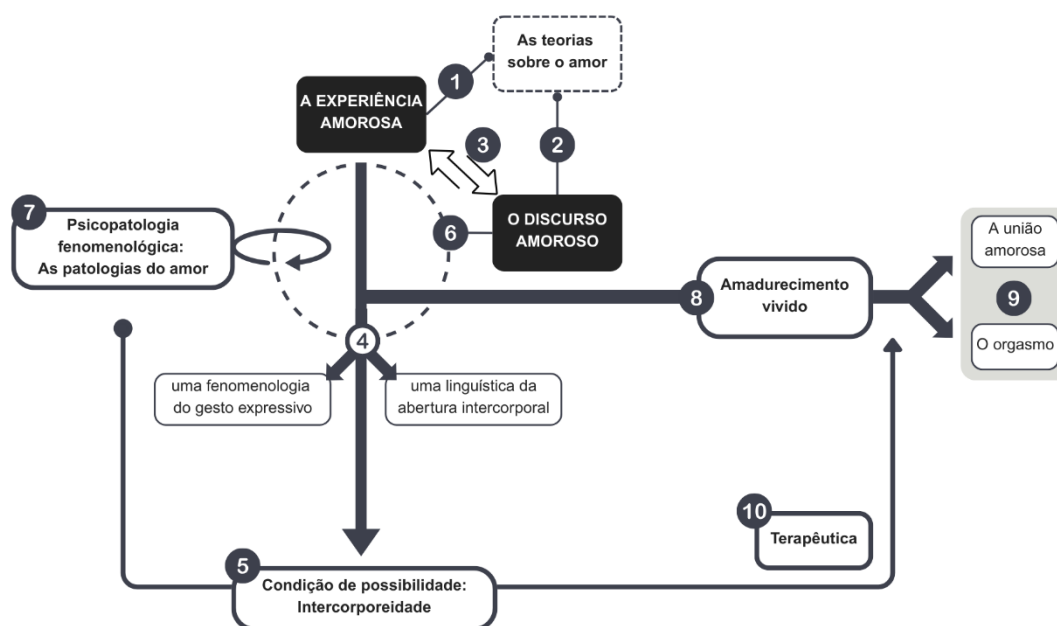


Figura 1. Um mapa da experiência amorosa e um trajeto fenomenológico pelo discurso amoroso em dez passos.

*

1.

Quero compreender o amor. Consigo somente viver o amor. Necessito, contudo, apreendê-lo. Então o explico.

Os sujeitos modernos, imbuídos da necessidade iluminista de reduzir o mundo aos limites da razão humana, isto é, de *tornar o mundo seu mundo*, formulam explicações. Tanto mais instigante passa a ser a tarefa quanto mais potente é o fenômeno. No caso da *experiência amorosa*, por facultar ao sujeito o encontro com sua condição mais interior – quase anterior à própria possibilidade de toda experiência – na medida em que encontra com o outro amado. Teorias sobre o amor, portanto, se multiplicam na era moderna.

Que é que eu penso do amor? Em suma, não penso nada. Bem que eu gostaria de saber o *que* é, mas, estando do lado de dentro, eu o vejo em existência (...). O que quero conhecer (o amor) é exatamente a matéria que uso para falar (o discurso amoroso).¹

Roland Barthes é um sujeito moderno que viveu o amor. Que, dada sua condição de amante, buscou enunciar o amor enquanto o vivenciava. Que cuidou em não apartar a experiência amorosa da experiência de descrever a experiência amorosa – tornando-a linguagem. E que, com vistas a compreendê-la, sintetizou seu

¹ BARTHES, R. (2018). Fragmentos de um discurso amoroso, p. 89.

verdadeiro objetivo: “Quero *me* [grifo nosso] compreender”².

2.

Barthes, como humanista, transitou por teorias em diversos campos da ciência, sem, no entanto, a nenhum deles se restringir. Segundo Pagan (2019), “ainda que Barthes não se furtasse a empregar os instrumentos oferecidos por determinados movimentos teóricos, resistia, porém, a cada um deles”³. Daí um problema epistemológico: como classificar sua obra?

Na impossibilidade de uniformizá-la, propõe-se decompor sua produção escrita em momentos, manifestos por textos específicos, como mosaicos epistêmicos. Sempre enamorado da *linguagem*, entretanto. Ora absoluta, hermética, alinhada aos preceitos estruturalistas, à maneira de Saussure e Benveniste (como nas obras dos anos 1950 e início dos anos 1960); ora literária, aberta, incorporada ao ser, sujeito da expressão (como nas obras do final da década de 1960 em diante). Como marco de sua virada subjetiva (patente até mesmo no título do escrito de 1967, *Da ciência à literatura*), destaca-se a asserção: “A linguagem é o ser da literatura”.

No terreno do amor, convém imergir em *Fragmentos de um discurso amoroso*, original de 1977, inclassificável – como seu autor. Supõe-se um manuscrito conceitual de conciliação entre as artes (notadamente a literatura de Goethe, por meio dos trechos de *Sofrimentos do jovem Werther*), as ciências (a psicanálise, em particular), a filosofia e a mitologia? Um exemplar autobiográfico de seus afetos à luz de sua formação teórica? Seria mais bem referido como obra literária? Como coleção de ensaios ao redor da temática amorosa? O que se pode dizer com segurança é que se trata da expressão formal do amante se debatendo com/contra sua linguagem. Como formula Marty, seu editor e comentador:

O que é fundamentalmente inaceitável para a *theoria* é a linguagem fraca do amante, é que a verdade não é mais a sua, a da linguagem da *theoria*, mas a linguagem do amante; esse amante não é nem sujeito da ciência, nem Mestre, nem universitário, mas que, pela suavidade e ridículo de seu nome, pela fragilidade de seu ser e da sua postura, não poderá jamais produzir enunciados capazes de integrar a imensa lista dos enunciados modernos.⁴

Em *Fragmentos*, Barthes dramatiza um sujeito amoroso, fragmentário no

² Idem., p. 90.

³ PAGAN, N. O. (2019). Barthes the Phenomenologist and the Being of Literature, p. 18, tradução nossa.

⁴ MARTY, E. (2009). Roland Barthes, o ofício de escrever, p. 231.

tempo e no espaço, sempre à beira do colapso. Faz seu amante abraçar o mundo – pelo modo como se diz e, através do ato de escrita, também se escuta. Nos termos de Pagan (2019), “sugere uma afinidade não apenas entre a paixão amorosa de Werther e a dele próprio, mas também entre a tua e a minha”⁵. Enfatiza o sentimento amoroso como verdadeira obscenidade da época, em lugar do sexual. Obscenidades como esta que, junto a Barthes, enunciamos – enamorados que somos, *em ato, em potência* –, ao ousar compreender as possibilidades do amor:

O enamorado delira; mas seu delírio é tolo. O que pode ser mais tolo que um enamorado? Tão tolos que nenhum deles ousa sustentar publicamente seu discurso sem uma mediação séria: romance, teatro ou análise.⁶

3.

Pode-se forjar *Fragmentos*, portanto, como uma simbiose entre Linguística e Fenomenologia: manifesto amoroso de uma *linguística da abertura intercorporal* e substrato de uma *fenomenologia do gesto expressivo* de amor.

Não há qualquer menção na obra escrita de Barthes que indique filiação à tradição fenomenológica. Não há sequer referência explícita aos livros clássicos de Fenomenologia transcendental. Por outro lado, a ênfase dada à experiência amorosa direta, em *Fragmentos*, evoca o entendimento de que a linguagem, como sistema fechado, fora suplantada pela compreensão fenomenológica do sujeito amoroso-linguístico. Ou seja, pode-se dizer que há, em Barthes tardio, rastros de uma *atitude fenomenológica* – sobre a qual nos debruçaremos deste ponto em diante. Para tanto, há que se referir ao *discurso amoroso* de *Fragmentos*, da superfície do texto escrito aos fundamentos de sua expressão.

O autor, primeiramente, apresenta o des-caminho do *dis-curso* como *ação*, bem como o sujeito desta ação:

Substituiu-se então à descrição do discurso amoroso sua simulação, e devolveu-se a esse discurso sua pessoa fundamental, que é o *eu*, de modo a pôr em cena uma enunciação e não uma análise. É um retrato, se quisermos, que é proposto (...): ele oferece como leitura um lugar de fala, o lugar de alguém que fala de si mesmo, amorosamente, diante do outro (o objeto amado) que não fala.^{7,8}

⁵ PAGAN, N. O. (2019). Barthes the Phenomenologist and the Being of Literature, p. 28, tradução nossa.

⁶ BARTHES, R. (2018). Fragmentos de um discurso amoroso, p. 233.

⁷ Idem., p. 15.

⁸ Note-se, no excerto, a sequência de referências à “ação” embutida no “discurso”, como pelo uso dos termos “simulação”, “enunciação” e “retrato”.

Introduz então a noção de *figura*, termo que designa as múltiplas e dinâmicas referências que constituirão a totalidade da obra – os fragmentos –, oriundas do discurso amoroso nos diversos campos supracitados (inclusa aqui sua própria experiência): “a figura é o enamorado em ação”. Afinal de contas, “para constituir as figuras, não é preciso nada mais nada menos que este guia: o sentimento amoroso”⁹. E postula a linguagem como essência da ação amorosa, como *fala* (gesto do corpo na ação) e como *ato de significação*: “no fundo de cada figura jaz uma frase (...), que é empregada na economia significativa do sujeito apaixonado”¹⁰.

Sustenta-se, pois, na tensão entre o discurso significativo e o gesto significativo, no cerne da experiência amorosa estampada em *Fragmentos*, a identidade categorial entre um proceder linguístico (da abertura intercorporal) e um proceder fenomenológico (do gesto expressivo).

4.

“Haveria sujeito menos teórico que o amoroso?”¹¹. É justamente neste ponto, no retorno ao substrato da experiência como método, extraído de toda teoria sobre o amor, que se pode aproximar o enamorado de Barthes do ser sexual de Merleau-Ponty. Entre *Fragmentos* e *Fenomenologia da percepção (FP)*, em função da referida continuidade epistemológica entre a linguística e a fenomenologia, há um diálogo implícito. Ambas interessadas, cada qual a seu modo, em restituir ao sujeito o discurso amoroso e a percepção em geral, despindo-os dos prejuízos clássicos ligados às formulações dualistas (a teoria político-marxista e a teoria psicológico-psicanalítica, para o primeiro; e a teoria biológico-neurocientífica e, novamente, a psicanálise, para o segundo).

Consideremos dada a assimilação fenomenológica da produção epistêmica de Barthes. Impõe-se, a seguir, vincular o sistema fenomenológico de Merleau-Ponty ao estudo da linguagem. A própria história de seu pensamento sustenta essa ligação, já que o filósofo se debruçou sobre o tema em distintas fases de sua trajetória. Aqui concerne, em particular, sua primeira fase, anterior à caracterização de uma ontologia da linguagem – construída em obras tardias como o inacabado *O visível e*

⁹ BARTHES, R. (2018). *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 16.

¹⁰ Idem., p. 17.

¹¹ PRADO, R. L. (2011). Roland Barthes e o discurso amoroso: para além da teoria, o romanesco, p. 7.

o *invisível*, de 1964. Na *FP*, originalmente publicada em 1945, Merleau-Ponty trabalha a linguagem como extensão do corpo, veículo de expressão, origem e evidência da condição pré-reflexiva do sujeito perceptivo.

Conforme a concepção de linguagem presente na *FP*, *Fragments* pode ser tomado como exemplo de *fala falante*, isto é, sedimentação ativa de sentido à experiência em função da contínua expressão amorosa do sujeito, a todo momento sujeito afetivo-sexual. A fundação do ser sexual, à maneira de Merleau-Ponty, já fora extensamente reconstituída em outra parte¹², *pari passu* com o argumento de “O corpo como ser sexuado” – capítulo 5 da *Fenomenologia da Percepção*. Como movimento seguinte, dando voz aos próprios autores, cabe-nos apresentar o *emparelhamento* entre suas compreensões sobre o amor – mais que isso, defender a possibilidade, até mesmo a necessidade, de uma Psicopatologia fenomenológica do *enamoramento* à luz das ideias contidas em seus escritos. Afinal, como afirma Fernandez (2019) em Merleau-Ponty, trata-se de acomodar as formas psicopatológicas da experiência humana dentro de um projeto fenomenológico mais geral.

5.

Proporemos, então, uma *reordenação das figuras discursivas* de *Fragments*, tendo o desenvolvimento argumentativo do capítulo 5 da *FP* como método. Em outros termos, buscaremos *reconfigurar* o discurso amoroso pela redução à estrutura da experiência. Ou ainda: oferecer certa curadoria, à maneira fenomenológica, à desordem proposital da fala amorosa de Barthes.

Já defendemos que o capítulo 5 da *FP* protagoniza a fundação *histórica* e *epistemológica* do ser sexual. Isso implica dizer que a experiência afetivo-sexual está ancorada na condição antropológica, de tal forma que se possa assegurar sua aplicação em qualquer campo do conhecimento racional. Implica também dizer que a experiência sexual adocida partilha das condições ontológicas do Ser geral, pela qual os objetos existem “para nós” (não em si mesmos, como pressupõe a filosofia do *cogito*) – no tempo, no espaço e por meio do corpo. Mais que isso, o adoecimento sexual oferece acesso privilegiado à estrutura da consciência. Barthes também o

¹² Ver BECHER, G. E. (2023). A fundação do ser sexual. In: Psicopatol. Fenomenol. Contemp., v. 12, n. 2: Edição especial, 26-65.

afirma, a seu modo: “Tudo partiu deste princípio: que não era preciso reduzir o enamorado a uma simples coleção de sintomas, mas antes fazer ouvir o que existe de inatural na sua voz, quer dizer, de intratável”¹³.

Merleau-Ponty aborda a afetividade erótica como *modo original da consciência*, isto é, intencionalidade original, manifesta pelo desejo como tipo da relação com seu objeto. Trata a experiência sexual como *região* da existência geral, com a qual estabelece relação hermenêutica. E o faz desde a inércia sexual do indivíduo ferido de guerra, como explicitam os termos do parágrafo que marca a *revolução epistemológica do ser sexual*:

A patologia põe em evidência, entre o automatismo e a representação, uma zona vital em que se elaboram as possibilidades sexuais do doente (...). É preciso que exista, imanente à vida sexual, uma função que assegure seu desdobramento, e que a extensão normal da sexualidade repouse sobre as potências internas do sujeito orgânico. É preciso que exista um Eros ou uma Libido que animem um mundo original, deem valor ou significação sexuais aos estímulos exteriores e esbocem, para cada sujeito, o uso que ele fará de seu corpo objetivo. É a própria estrutura da percepção ou da experiência erótica que está alterada em Schn.¹⁴

Barthes, na mesma direção, concebe o amor *amorosamente*, isto é, como advérbio de *modo*. A origem do amor, afinal, jamais se descola da experiência desejante do ser em direção a seu objeto. O amante de Barthes percebe o mundo desta forma: fala amorosamente, vive amorosamente – aquilo mesmo de que Schn. está privado.

Segue-se daí a condição de possibilidade última da estrutura afetivo-sexual: a *intercorporeidade* – em direção à qual se faz necessário reconstituir a tese fenomenológica.

5.1 A intersubjetividade

Merleau-Ponty apresenta o exemplo da afonia (também evocada por Barthes em distintos fragmentos), como a incapacidade de fala da mulher privada do encontro com seu amado. Ora, aquilo que se evidencia na perda é justamente a redescoberta da relação linguística intrínseca entre signo e significado, no ato de falar. A perda da fala é *recusa* à coexistência; a relação de significação, no domínio da *FP*, é relação de expressão. Isso posto, pode-se afirmar que a afonia *expressa* a recusa, e que a recusa à comunicação direta exprime justamente esta condição pré-reflexiva da experiência compartilhada: a *intersubjetividade*. Afinal, como assegura

¹³ BARTHES, R. (2018). Fragmentos de um discurso amoroso, p. 15.

¹⁴ MERLEAU-PONTY, M. (2015). Fenomenologia da percepção, p. 215.

o filósofo, “o doente nunca está absolutamente cortado do mundo intersubjetivo”¹⁵.

Em *Fragmentos*, Barthes também reconhece a condição intersubjetiva da estrutura: “adivinho que o verdadeiro lugar da originalidade não é nem o outro nem eu, mas nossa própria relação”¹⁶. E, como protótipo da situação amorosa (no nível dialógico do drama), refere a *cena*: “como o amor, a cena é sempre recíproca (...). Ela é a própria linguagem”¹⁷.

5.2 A corporeidade

A existência intersubjetiva se reveste de sentido por ser encarnada: o corpo a simboliza na medida em que a realiza e atualiza, a cada vez. Nos termos de Merleau-Ponty: o corpo atua como mediador do “duplo movimento de sístole e de diástole”¹⁸ da existência, isto é, enquanto lugar diacrônico de abertura infinita ao outro e de fechamento anônimo e jamais completo em si mesmo.

É na *ambiguidade do corpo*, ao mesmo tempo sujeito para si e objeto para o outro, que se mostra a necessária incompletude da redução fenomenológica – marca da filosofia transcendental de Merleau-Ponty. Barthes parece aceitar tal proposição literalmente, localizando-a nos limites da experiência amorosa: “não seria então preciso, *precisamente porque o amo*, esconder dele o quanto o amo? Vejo o outro duplamente: ora o vejo como objeto, ora como sujeito”¹⁹. Afinal, há sempre algo de desconhecido no outro, *incognoscível*. É no amor, experimento drástico da intimidade, estado de quase-ruptura da demarcação corporal que singulariza cada polo do binômio eu-outro, que esse desconhecimento se acentua. Barthes assim o afirma:

Estou preso nesta contradição: de um lado, creio conhecer o outro melhor do que ninguém e afirmo isso triunfalmente a ele (...); e, de outro, sou frequentemente assaltado por esta evidência: o outro é impenetrável, raro, intratável; não posso abri-lo, chegar à sua origem, desfazer o enigma.²⁰

Podemos dar um passo adiante e afirmar que a ambiguidade corporal da estrutura se revela na condição linguística do ser: corpo falante, objetivado por ocasião da expressão subjetiva. No amor, Barthes o exemplifica pelo *contato da pele*:

¹⁵ Idem., p. 226.

¹⁶ BARTHES, R. (2018). *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 56.

¹⁷ Idem., p. 74.

¹⁸ MERLEAU-PONTY, M. (2015). *Fenomenologia da percepção*, p. 227.

¹⁹ BARTHES, R. (2018). *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 146.

²⁰ Idem., p. 199.

“todo o contato, para o enamorado, coloca a questão da resposta: pede-se à pele que responda”²¹; e pelo *choro*: “liberando suas lágrimas, ele segue as ordens do corpo apaixonado [grifo nosso], que é um corpo encharcado, em expansão líquida: chorar juntos, escorrer juntos”²².

5.3 A espacialidade e a temporalidade

O corpo apaixonado, para Barthes, é o duplo de um corpo histórico. Um corpo que é simultaneamente fixação e fluxo. Ou seja, conforme enfatizado na experiência amorosa, a condição intercorporal pressupõe a temporalidade e a espacialidade da estrutura. Sobre a espacialidade do enamoramento, o autor assinala: “não ocupo nenhum outro espaço a não ser o dual amoroso”²³. Sobre sua temporalidade, discrimina etapas:

A primeira é instantânea, a captura (...); em seguida vem uma série de encontros (...), no decorrer dos quais “exploro”, extasiado, a perfeição do ser amado, ou melhor, a adequação inesperada de um objeto ao meu desejo (...). Esse tempo feliz adquire sua identidade (sua limitação) pelo fato de opor-se à “continuação”.²⁴

Até que se apresente uma saída: “eu mesmo não posso construir até o fim minha história de amor”²⁵.

5.4 A significação afetiva em dialética figura-fundo

A percepção amorosa (como discriminação significativa entre a manifestação sexual e a não sexual, a cada situação) é, portanto, perene ao sujeito corporal. Na *FP*, Merleau-Ponty a caracteriza como *atmosfera*, em disposição dialética com a totalidade das possibilidades estruturais: onde há cinética vital, há sempre sexualidade potencial. De modo que, como referido em outra parte, “a existência nunca ultrapassa a sexualidade, ou seja, nunca supera a tensão dialética que a define”²⁶. Barthes ilustra a vocação atmosférica da dialética da afetividade pela definição de *humor*: “o mau humor não é outra coisa senão uma mensagem (...). O humor é um curto-circuito entre o estado e o signo”²⁷. Na disposição figura-fundo, em consonância com os preceitos de uma Psicopatologia merleau-pontyana, aborda

²¹ Idem., p. 101.

²² Idem., p. 77-78.

²³ Idem., p. 217.

²⁴ Idem., p. 137.

²⁵ Idem., p. 141.

²⁶ BECHER, G. E (2023). A fundação do ser sexual, p. 40

²⁷ BARTHES, R. (2018). Fragmentos de um discurso amoroso, p. 227-228.

a *angústia patológica* do enamorado: “eu a escuto se nomear, sobressair, como uma figura inexorável, do fundo das coisas que estão lá”²⁸.

6.

Até aqui, tratamos da experiência afetivo-sexual em sua essência comum. Neste ponto, impõe-se a tarefa de separar seus termos, como fisionomias do amor vivido: a *paixão* e o *sexo*. Pode-se dizer da paixão e do sexo, conforme formulado em outra parte, que sejam reações enfáticas, na imaginação e no corpo sensível, à presença ou à ausência do objeto à consciência amorosa:

Entre paixão e sexo, há continuidade semântica. Sua unidade se dá no desejo – dominação despótica de um campo da consciência sobre os demais (...). Paixão e sexo nascem, portanto, da falta estrutural. Escorrem da assimetria sujeito-objeto. Tendem, cartesianamente, à separação.²⁹

Ora, como tal, despontam da máxima objetividade do sujeito que as evoca: antes da superfície que da profundidade, antes da generalidade que da particularidade. Barthes o assegura em *Fragmentos*, à maneira fenomenológica: “o traço que me fisga se refere a uma parcela de prática, ao movimento fugitivo de uma postura, enfim, a um *esquema* (é o corpo em movimento, em situação, em vida)”³⁰. Movimento esse que o autor reafirma, no trânsito entre a casualidade e o amor: “encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas; mas, dessas centenas, amo apenas um”³¹.

Logo, a passagem do mero encontro ao amor vivido requer a superação da impessoalidade dos caracteres objetivos, motivadores de apaixonamento ideal ou de atração sexual, à pessoalidade suprema. Como informa Barthes: “amo o outro não por suas qualidades (contabilizadas), mas por sua existência”³². Em direção ao amor sublime, a paixão e o sexo, pontos de sustentação do amor encarnado, podem servir como motores: “certamente é preciso algo que dê partida ao amor; o engano é ocasional, mas a estrutura é profunda”³³. Já que, como define o filósofo Ortega y Gasset, outro teórico-amante: “amar é estar ontologicamente com o amado”³⁴.

²⁸ Idem., p. 41.

²⁹ BECHER, G. E. (2024). Notas sobre o amor vivido, p. 74.

³⁰ BARTHES, R. (2018). Fragmentos de um discurso amoroso, p. 48.

³¹ Idem., p. 31.

³² Idem., p. 269.

³³ Idem., p. 47.

³⁴ ORTEGA Y GASSET, J. (2019). Amor em Stendhal, p. 89.

Pode haver, entretanto, obstruções ao percurso, descaminhos vividos do discurso amoroso – estágios de dominação fixa e excludente do desejo sobre a totalidade da consciência. Estados que intitularemos *patologias do amor*, tipos psicopatológicos de enamoramento, posições limítrofes da estrutura amorosa como ameaças à sua unidade dialética. Barthes também aqui se pronuncia, convidando o leitor a reconhecer a *fragilidade* essencial do sujeito enamorado: “é no estado amoroso que certos sujeitos razoáveis adivinham de repente que a loucura existe, é possível, está bem próxima: uma loucura na qual o próprio amor naufragaria”³⁵.

7.

No devir intercorporal, estão fincadas as bases epistemológicas para uma Psicopatologia fenomenológica do amor. Segue-se daí a necessidade de concatenar seu ofício – e de desvelar seus desdobramentos – à via comum entre Barthes e Merleau-Ponty, na esteira das patologias do amor.

Para tanto, cabe regressar à origem de *Fragmentos*, à justificativa do autor sobre o dever histórico de sua publicação:

O discurso amoroso é hoje *de uma extrema solidão* (...). Quando um discurso é dessa maneira levado por sua própria força à deriva do inatural, banido de todo espírito gregário, só lhe resta ser o lugar, por mais exíguo que seja, de uma afirmação.³⁶

Sua premissa é a *afirmação de uma negação*, isto é, a positividade do gesto discursivo como evidência de uma carência mais profunda. Trata-se do imperativo sociológico de verbalizar o amor em função do empobrecimento amoroso dos sujeitos de uma época. Trata-se do aceno metodológico à epistemogênese em dado campo a partir dos recessos de seu terreno. Trata-se, portanto, do princípio mesmo de uma *psicopatologia fenomenológica da recusa*, tal qual suscitada pela *FP*. Enfim, pode-se dizer que Barthes acederia à proposta merleau-pontyana de divisão da *hipocrisia* entre os níveis psicológico e metafísico, segundo a profundidade de sua inscrição estrutural: “com minha linguagem posso fazer tudo: até e principalmente *não dizer nada*. Posso fazer tudo com minha linguagem, *mas não com meu corpo*. O que escondi pela linguagem, meu corpo o diz”³⁷.

Fragmentos é, sob esse prisma, o mais requintado exemplo da linguagem

³⁵ BARTHES, R. (2018). *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 216.

³⁶ *Idem.*, p. 13.

³⁷ *Idem.*, p. 148.

amorosa encarnada, como constituição expressiva de sentido pelo gesto linguístico – no caso da Psicopatologia, como consolidação das formas patológicas do amor a partir da languidez do discurso amoroso. Nesses termos, pode-se tomar o discurso amoroso como modo de sofrimento discursivo-existencial, como tipo psicopatológico sutil: como enamoramento. Merleau-Ponty afirma que, no doente, “a percepção perdeu sua estrutura erótica”³⁸. No corpo enamorado, *signo privilegiado* da existência em geral, se descortina a crise da intercorporeidade.

Os cinco fenômenos essenciais da obstrução patológica do discurso amoroso são, portanto:

- i) O enamoramento patológico é capturado das figuras em *hipóstase*: “a força apaixonada não pode se deslocar (...); ela continua lá, direta na linguagem, encantada, intratável”³⁹.
- ii) O outro, alvo do discurso amoroso, é *inatingível*, “anulado sob o amor”: “por uma perversão propriamente amorosa, é o amor que o sujeito ama, não o objeto”⁴⁰. Por conseguinte, a alteridade é fonte inesgotável de *pânico* ao enamorado – na polissemia do termo: é totalidade referencial, é também metáfora patológica.
- iii) Por uma degeneração viciosa do fluxo discursivo, tudo se refere ao afeto amoroso, e a seu objeto. O enamorado, nesse sentido, é *hiper-hermenêutico*: “tudo significa: por essa proposição, fico preso, ligado ao cálculo, impeço-me de gozar”⁴¹. Ao mesmo tempo, o enamorado *fala à toa*, erra no discurso, diz signos imprecisamente.
- iv) O enamorado tem *ideias de saída*: “todas as soluções que imagino são interiores ao sistema amoroso: retirada, viagem, suicídio (...): ordeno a mim mesmo estar sempre apaixonado e não estar mais”⁴².
- v) O enamorado vive em *solidão ontológica*: “A solidão amorosa não é uma solidão da pessoa (o amor se confia, se fala, se conta), é uma solidão de sistema (...). Todo mundo me ouve, mas só me escutam os sujeitos que têm *exata e presentemente* a mesma linguagem que eu”⁴³.

8.

Ora, em direção oposta à da patologia, devemos enfrentar o famigerado dilema barthesiano: “por que razão durar é melhor que queimar?”⁴⁴. Porque o amor

³⁸ MERLEAU-PONTY, M. (2015). Fenomenologia da percepção, p. 216.

³⁹ BARTHES, R. (2018). Fragmentos de um discurso amoroso, p. 35.

⁴⁰ Idem., p. 43.

⁴¹ Idem., p. 94.

⁴² Idem., p. 250.

⁴³ Idem., p. 263.

⁴⁴ Idem., p. 34.

é afirmado como um *valor*, e, como tal, conduz o *amadurecimento pessoal*. Daí que o sujeito amoroso navega no tempo: por um lado se *gasta*; por outro, se *historiciza*.

Quanto ao primeiro, podem-se conceber as patologias do amor como formas de *imaturidade estrutural*. Barthes o informa, em enfoque linguístico: “é como se o louco e o enamorado recusassem a se submeter à linguagem adulta”⁴⁵. À maneira psicopatológica, relata em primeira pessoa: “não concebo que as coisas amadureçam, escapem às conveniências do desejo. *Não sou dialético* [grifo nosso]”⁴⁶.

Quanto ao segundo, assimila o sujeito amoroso como apto a ocupar intencionalmente o mundo intersubjetivo e, na sucessão dialética das relações íntimas e recíprocas, na alternância rítmica entre presenças e ausências, subjetivar-se: “assim é a ferida de amor: uma *abertura radical* [grifo nosso] (nas “raízes” do ser), que não chega a se fechar, e de onde o sujeito escorre, constituindo-se como sujeito nesse próprio fluxo”⁴⁷. Isso posto, Barthes subscreveria que a verdadeira história de amor, metonímia particular da vida da pessoa como totalidade histórica, é uma história de amores.

9.

A experiência amorosa madura é, acima de tudo, o pilar estrutural da própria definição de amor: a conservação da identidade pessoal no ato de se entregar tranquila e profundamente ao outro. O amor realizado é, portanto, uma espécie de chegada. Ora, a plenitude da realização amorosa, na acepção hegeliana de *reconhecimento-de-si pelo outro*, se desdobra em dois fenômenos correlatos e sincrônicos. São as duas faces fenomênicas do amor, estados de realce supremo do amor na ambiguidade corporal: a *união amorosa* e o *orgasmo*.

9.1 A união amorosa

Em *Fragments*, Barthes assume a união amorosa como a investida dialética da estrutura em direção ao polo do espírito, como a quase-superação da condição imanente do corpo linguístico, isto é, como o grau máximo de sua tração em direção à pura transcendência, na ocasião do próprio ato discursivo: “eu-te-amor é ativo.

⁴⁵ Idem., p. 72.

⁴⁶ Idem., p. 219.

⁴⁷ Idem., p. 46.

Afirma-se como força – contra outras forças. (...) Ou ainda: contra a língua”⁴⁸. Além disso, à maneira de Hegel, trata a união como “repouso indiviso”: “essa união seria sem limites, não pela amplidão de sua expansão, mas pela indiferença de suas permutações”⁴⁹.

9.2 O orgasmo

No espectro dos gestos expressivos da união amorosa, Barthes menciona o abraço. Nenhuma modalidade de encontro amoroso, contudo, pode ser tão significativa quanto a experiência do orgasmo – satisfação em forma de fluxo, superação fusional do desejo, como falta, em benefício do amor. Do orgasmo, pode-se dizer que seja o epifenômeno da radicalidade corporal do amor.

Para Barthes, no instante do orgasmo, “tudo é então suspenso: o tempo, a lei, a proibição: nada se esgota, nada se quer: todos os desejos são abolidos porque parecem definitivamente transbordantes”⁵⁰. A questão do transbordamento volta a aparecer em *Fragmentos*, como excesso de uma totalidade. Em outros termos, como evidência da projeção intencional do sujeito amoroso ao encontro intersubjetivo – sujeito que se transborda, na trilha do orgasmo que não esvazia, senão preenche, rumo à *reciprocidade* do amor: “ultrapasso os limites da saciedade e, em vez de encontrar o desgosto, a náusea, ou mesmo a embriaguez, descubro... a *Coincidência*”⁵¹.

10.

“Como termina um amor? – O quê? Então ele termina?”⁵². Com o prelúdio de um Barthes atônito, nos encaminhamos à derradeira etapa de um percurso fenomenológico do amor: um desenlace bem-sucedido, como saída organizada e dual do enamoramento patológico – sem destituir o sujeito de sua inexorável condição amorosa. Afinal, a respeito deste movimento extático, Barthes afirma, esperançosamente:

É possível que eu saia desse “túnel” que se segue ao encontro amoroso: reveja a luz do dia, seja conseguindo dar ao amor infeliz uma saída dialética (conservando o amor, mas me livrando da

⁴⁸ Idem., p. 164.

⁴⁹ Idem., p. 280.

⁵⁰ Idem., p. 27.

⁵¹ Idem., p. 274.

⁵² Idem., p. 141.

hipnose), seja abandonando o amor e retomando o caminho.⁵³

Trata-se, portanto, de versar sobre a possibilidade de uma *terapêutica para-o-amor*, sempre como força centrífuga, do *in-namoramento* ao *ex-namoramento*. De assumir, essencialmente, a própria atitude amorosa como condição de possibilidade desta terapêutica, “de modo que a experiência amorosa passa a ter um pouco a mesma função de uma cura”⁵⁴.

Sua base fenomenológica, como vimos, é a interpessoalidade. Uma relação de cuidado, orientada pela abertura, ambientada na clínica, fundamentada na ética do amor. Em termos equivalentes: a condição de superação subjetiva do adoecimento amoroso é a própria reinauguração da possibilidade intersubjetiva de amar. Seu método, com efeito, não poderia ser outro senão a circulação terapêutica pelo discurso amoroso. Ou seja, a cura amorosa deve estar contida no compartilhamento guiado do gesto linguístico, na medida em que “é pela linguagem que o outro se altera”⁵⁵.

Ainda que Barthes e Merleau-Ponty não estejam primariamente comprometidos com a investigação minuciosa do ato diagnóstico e do projeto terapêutico a partir da descrição e da análise de casos, é possível localizar, no interior de suas obras, vestígios de um interesse categorial genuíno pelas patologias do amor, bem como por seus modos de redenção. Um exemplo, tomado de *Fragmentos*, corresponde à estrutura fetichista (i.e., propensa à eleição preferencial do objeto inanimado ou do corpo parcializado como fonte de excitação sexual), forma clínica da *essência psicopatológica da perversão sexual*⁵⁶:

Vasculho o corpo do outro (...) como se a causa mecânica do meu desejo estivesse no corpo adverso (...). Algumas partes do corpo são particularmente favoráveis a essa *observação* (...), objetos muito parciais. É evidente que estou, então, fetichizando um morto. A prova disso é que, se o corpo que escruto sai da sua inércia, se ele começa a *fazer qualquer coisa*, meu desejo muda; se, por exemplo, vejo o outro pensar, meu desejo cessa de ser perverso (...), retorno a um Todo: amo novamente.

*

As patologias do amor são, em derivação autoral das fenomenologias de

⁵³ Idem., p. 138.

⁵⁴ Idem., p. 187.

⁵⁵ Idem., p. 38.

⁵⁶ Para uma compreensão pormenorizada da perversão sexual como essência psicopatológica, ver BECHER, G. E., HORTÊNCIO, L. O. S. *Sexualidade: Uma leitura fenomenológica da perversão sexual*. In: TAMELINI, M. & MESSAS, G. (2022). *Fundamentos de clínica fenomenológica*. São Paulo: Editora Manole.

Barthes e de Merleau-Ponty, as formas da *dis-corporificação vivida do discurso amoroso*. São a evidência antropológica da queda do enamorado no silêncio ou no ruído. São as manifestações psicopatológicas do sujeito afetivo-sexual em processo de perda de seu sentido expressivo – desafio vital à condição intercorporal de ser. Por que não sintetizar as patologias do amor como estados vividos de *de-composição* da estrutura amorosa em corpo e linguagem? A *re-composição*, não à toa, habita o próprio ato de amor.

Referências bibliográficas:

- BARTHES, R. (2012). *Da ciência à literatura*. In: *O rumor da língua*. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.
- BARTHES, R. (2018). Hortênsia dos Santos. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Editora Unesp.
- BECHER, G. E., HORTÊNCIO, L. O. S. *Sexualidade: Uma leitura fenomenológica da perversão sexual*. In: TAMELINI, M. & MESSAS, G. (2022). *Fundamentos de clínica fenomenológica*. São Paulo: Editora Manole.
- BECHER, G. E. (2023). *A fundação do ser sexual*. In: *Psicopatol. Fenomenol. Contemp.*, v. 12, n. 2: Edição especial, 26-65.
- BECHER, G. E. (2024). *Notas sobre o amor vivido: uma travessia fenomenológico-literária*. In: *Psicopatol. Fenomenol. Contemp.*, v. 13, n. 2, 71-83.
- FERNANDEZ, A. V. *Merleau-Ponty and the foundations of psychopathology*. In: BLUHM, R & TEKIN, S. (2019). *The Bloomsbury Companion to Philosophy of Psychiatry*. Bloomsbury, 133-154.
- HEGEL, G. W. F. (2014). *Fenomenologia do espírito*. 9ª ed. São Paulo: Vozes.
- ORTEGA Y GASSET, J. (2019). *Estudos sobre o amor*. 1ª ed. Campinas: Vide Editorial.
- MARTY, E. (2009). Daniela Cerdeira. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- MERLEAU-PONTY, M. (2015). Carlos Alberto Ribeiro de Moura. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.
- PAGAN, N. O. (2019). *Barthes the Phenomenologist and the Being of Literature*. In: *Mosaic: An Interdisciplinary Critical Journal*, v. 52, n. 1, 17-32.
- PRADO, R. L. (2011). *Roland Barthes e o discurso amoroso: para além da teoria, o romanesco*. In: *Revele Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, v. 333, n. 3.